

René Lew,
21 de fevereiro – 1 de março de 2025,
para o colóquio de Convergência,
Paris, 16-17 de maio de 2025, *Mal-estar castração, alteridade*.

Fazer viver os conceitos da psicanálise

Fazer viver os conceitos da psicanálise consiste em prolongar Lacan, assim como ele prolongou Freud. Isso consiste em ler Freud e Lacan de maneira positivamente crítica, destacando a lógica das rupturas, escansões, cortes que pontuam a teoria psicanalítica, fundando-a, assim como um corte dito mediano funda a fita de Möbius sobre a qual ele repousa, especificando-a como sendo seu vizinhança. Da mesma forma, um significante se funda em seu vizinhança com outro. Uma leitura crítica também permite prolongar as intuições desses mestres da psicanálise.¹

Desde essas escansões ou divisões, surge uma lógica fundada em um argumento transcendental.² Tal lógica, de qualquer forma, opõe sua dinâmica à estática da lógica canônica dos predicados, das proposições e até das relações. Esta última lógica se expressa comumente na linguagem pela *koïnè*, que é uma língua que se pretende comum e, para isso, reduzida ao mais baixo. No entanto, cabe aos psicanalistas escapar do rebaixamento que implica tal *koïnè*.

Entre os avanços de Lacan, há um que especifica a teoria da psicanálise como lógica. Entre as lógicas em operação, pode-se unir literalmente e, ao mesmo tempo, desunir por uma falha (um não-relacionamento, dizia Lacan) a lógica canônica dos predicados, etc., e as lógicas ditas "desviantes" por Quine, que inflectem impredicativamente a anterior. A lógica canônica permite acessar o Édipo masculino e as lógicas impredicativas, heterogêneas em relação à outra, explicam o feminino. Dessa maneira, disjunta-se tanto a jouissance fálica quanto a Outra jouissance.

É sobre tal esquematismo que devemos ligar, distinguindo-as, a predicatividade (ontológica) e a impredicatividade (recursiva), esta última correspondendo à definição do significante por Lacan (onde o *definiendum* já está presente no *definiens*).

Ora, é isso que o argumento do CLF deixa de lado, o que, por conseguinte, desvia para uma psicologização de um propósito, afinal, louvável em seu princípio, mas falho em sua expressão.

Como prova, não há menção alguma ao significante (do qual Lacan faz a base do sujeito e de sua ação). Além disso, embora se fale do sujeito, ele é também retomado como um indivíduo. Da mesma forma, há ausência de referência ao objeto a, do qual Lacan, no entanto, indicou que era sua principal invenção e em torno do qual pode girar o mal-estar de nossa civilização capitalista. Nessa linha, nada sobre a letra que, segundo Lacan, serve de apoio ao significante. E nada também sobre o inconsciente.

*

¹ Ver *The purloined letter* de Poe.

² Simplificando grandemente, direi que um argumento transcendental — sob a condição de revisar a estética transcendental como Lacan desejava — sublinha a ação de uma função sobre os objetos que ela funda como sendo sua transformação (e, portanto, sua apreensão) extensiva, objetos que vêm a representá-la (Frege: *Vertretung*). Sob esse ângulo, o argumento transcendental corresponde à recursividade, a ser entendida como sintética *a priori*. Acrescentarei que, a partir de então, o argumento transcendental — apesar de Kant — não é dedutivo, mas indutivo.

Para entrar agora nos detalhes de certos propósitos³: a dita jouissance não poderia ser unívoca. Lacan opõe, de fato, a jouissance fálica ($J\Phi$) e a jouissance do Outro ($J\mathbb{A}$). Em meu entendimento, essa dualidade encontra a dualidade freudiana entre Lust ($J\Phi$) e Unlust ($J\mathbb{A}$), sendo esta última negativamente valorizada. E não se poderia falar de falta de ser, sem especificar a razão lógica dessa não-ontologia. No nível funcional de tal falta de ser, trata-se da função Pai (que Lacan chama de "Nome do Pai") e, ainda mais, da função fálica, expressável como castração, pois o significante não tem outra existência senão depender de um vazio operatório (funcional) que determina a estrutura do sujeito (que se encontra clivado, barrado, por se determinar de tal vazio), sabendo que a dita estrutura se apresenta a mesma para todos, enquanto a psicopatologia rearticula erroneamente diversas "estruturas" (assim, como é dito nesse argumento: estados limites, bipolaridade, hiperatividade, autismo, toxicomania..., apresentados como as patologias dos tempos atuais).

Por minha parte, relaciono a jouissance fálica ao suporte da existência (\exists) do sujeito. Ela é fálica, pois a castração, segundo Freud, em minha opinião, é apenas a metáfora da recursividade (ou seja: que uma função não se sustente de coisa alguma *a priori*, mas unicamente do que ela é suposta produzir, de maneira teleológica, a partir de uma condicionalidade irreal, tal que a causa é tributária do efeito, sem ter por si mesma uma existência definida de antemão). Em oposição a essa jouissance fálica, opera a jouissance do Outro como propriamente, esta, nociva e não mais construtiva. Tomada como garantia da jouissance fálica, ela se opõe, no entanto, ao dinamismo desta, apresentando seu lado estático, paralisado, seja, segundo Freud, fixação (*Fixierung*), estase (*Stauung*) e colocação em segundo plano (*Schönnung*) respectivamente para as psicoses, as neuroses, as perversões e para falar classicamente. O mal-estar reside mesmo nessa estática.

Até mesmo a noção de "corte simbólica", em si muito louvável, não me parece ser utilizada adequadamente: não se trata de cortar com um excesso de jouissance (como se a jouissance — fálica — pudesse prejudicar o sujeito: seria antes o caso da jouissance do Outro que vem em contrapartida da jouissance fálica e até entra em contradição com ela), mas a dita corte é constitutiva por seu vizinhança dos praticáveis metaphorizando o esquematismo significante, seja do objeto (desde então chamado a), do sujeito (barrado por essa corte), ou do significante (refendido). Um tal olhar extrínseco (cortar-se de tal coisa, vindo em lugar de dar corpo à corte) é até reiterado com a falta de ser considerada aí ainda extrinsecamente como uma falta de ser, enquanto tal falta de ser é fundadora de todo ser suposto devido à ausência de ontologia. Aliás, tergiversando muito, Lacan considera, além da falta de ser, o não-ser (non-être), o des-ser (désêtre), o dizer-que-não como sendo e, sobretudo, o "parêtre".

Paro aqui meu propósito, a fim de permanecer no quadro dos 10 minutos concedidos. Continuarei durante o colóquio de outubro de 2026 de Dimensions de la psychanalyse sobre *Retomar e aprofundar a originalidade lacaniana*.

³ Serei mais exaustivo em minha leitura, durante a preparação do colóquio de 2026 de Dimensions de la psychanalyse.